

Instante de discurso abrangente, Nelson Hungria
joão luiz pinaud

Sabendo as marcas jurídico-filosóficas da obra de seu pai, Nelson Hungria influenciando, não apenas juristas, mas meus companheiros de geração, o criminalista Clemente Hungria ofereceu-me este anotar lembranças dispersadas. Daí o rápido resgatar. Mas abordar o universo mental de Hungria, diante da difusão dos Comentários, dos inúmeros estudos realizados no Brasil e fora dele, tornaram supérflua tal tarefa. Somente miúdas recordações pessoais, podendo talvez servir – posto que depoimento de curto alcance – para nitidez do retrato pretendido? Traços em busca de razoável compreensão da obra humanística de cientista filósofo, o pedagogo Nelson Hungria.

Recordo momentos da década de sessenta, antes da mutilação de esperanças que a ditadura militar aparelhou. Mas a geração, na faixa etária de ser alvejada, muito apostou nas alternativas jurídicas como utensílios de mudanças sociais. Ainda tentou lutar. E chegou a ser clarificadas por pensadores da Liberdade/Igualdade. Exemplifico com Barbosa Lima, Candido Mendes, Evandro Lins, Geraldo Vandré, Paulo Bonavides, Pinto Ferreira, Roberto Lira, Sobral Pinto, Tristão de Athayde, Vinicius de Moraes, entre outros iluminadores dos espaços gerais da consciência brasileira asfixiada. Cenas esmaecidas, instantes únicos e irrepetíveis do buscar e lutar, fizeram surgir do fundo confuso da memória, figuras míticas. Costumam dizer: *contemporâneos avaliam mal contemporâneos*. Interessante mas inexato. Desminto e, de pronto, menciono, Ariel Dotti, Clemente Hungria, Edmundo Arruda Junior, Herman Baeta, Leonardo Boff, Oscar Niemeier, Evaristo Arns, Nilo Batista, Sergio do Rego Macedo, os Joãos, Mestieri e Tancredo, alguns ativistas éticos contemporâneos e, por sorte minha, conviventes,

Mas desse passado presentificado, marcado de futuridade, destaco o fascínio exercido por Nelson Hungria. Enfim, modo de retomar, em relativa proximidade, o empolgar juventudes e motivar trajetos individuais.

O conhecimento da obra de Nelson Hungria veio por acaso. Iniciávamos curso na Faculdade de Direito de Niterói (hoje Universidade Fluminense) quando colegas, competindo sempre, me fizeram ler Comentários ao Código Penal. Comecei pelo volume I, capa azul, da “Forense”. Carregava-o pelos trajetos casa/escola, querendo parecer *criminalista*. Da exibição para a reflexão, abrupto salto qualitativo. O texto mágico de Hungria aliciava irremediavelmente. Os estudantes não imaginavam aquele mundo no Direito. Era, apresentados a coleção tediosa de leis, fragmentações hierarquizadas, qual geradas num céu lógico, olímpicamente acima e fora da História, Psiquiatria, Sociologia, Política, Semântica? Hungria reportava poesias, romances, sistemas filosóficos, belezas, amores? Vida, enfim. O estilo, primeiro fascínio abrindo diagramas culturais amplos com referencias desconhecidas. Topávamos com erudição não possuída. Mas se assimilada, tornava-se nossa. As construções mentais de Hungria instauravam estranho e novo ritmo (então Código Penal contem tudo isso?) ganhando, ao desdobrar suas melodias, proporções maiores. Variava tons, timbres, autores, e lograva em cada capítulo, convocações para compor conjuntos diferenciados. Inscrevia problemas criminológicos na dinâmica conflituada das realidades e conceitos. Contingências da vida e teorias intrinsecamente relacionadas. Reflexões de natureza penal passaram a usar lentes de longo alcance. Os crimes, seus autores e vitimas surgiram, exigindo luzes e oxigênio nos porões punitivos onde estavam imersos. A buscas pelos abismos da natureza humana. O direito penal envolvia tudo? Pergutávamos e Hungria nos mostrou que sim. Ciência, Arte, Vivencias, tudo tornado saboroso utensílio exegético. Sua obra aclarava e comprometia. Todos, tudo, e integralmente. Os Comentários revelaram

o Direito *como ciência de empréstimos, abraçando* a vida toda e tudo exigindo para decodificá-la. Tão marcante o impacto daquele pesquisar e desvelar em beleza que, tantos e tantos anos passados, ainda ressoam frases e conceitos em minha lembrança. E hoje, como naquele longínquo *ontem*, ainda me deixo ir naquele *desenrolar* (ondas batendo sonoras e mesmas) de argumentos e referências, qual a cultura do tempo viesse solicita e fácil desfilas para o leitor. Na verdade, nem pressentíamos o valor do que se fixava em nossas mentes, qual gravado em mármore. A hermenêutica diferente, no entanto, instaurara especial *crescendo* no argumentar, *exigindo ao mesmo tempo percepção geral dos fenômenos sociais, suas raízes históricas, além da beleza do conjunto narrativo* qual estrutura musical do “*Bolero*”, de Ravel enquanto cada som de instrumento inscreve novos timbres e textura na mesma melodia, encorpando-a, tornando-a música nova, em diferente cor e força.

Aquelas dialéticas impulsionaram leitores, jovens na maioria, a decisões profissionais, querendo majoritariamente, imediatamente, a transformação em criminólogos, juristas para aquela modalidade erudita, estética e sofisticada de pensar Direito Penal e o mundo que ele desvendava.

Entretanto, o impacto ocorreu algum tempo depois, quando Hungria, Presidente do Supremo Tribunal Federal foi homenageado na Faculdade da UFF, O Professor encarregado de saudá-lo, no entanto, após excessivos brindes adrede preparados, não mostrou equilíbrio e lucidez. Nervosismo e constrangimento no auditório do *Salão Nobre* da Escola envolveram Benjamim de Oliveira Filho quando, na tribuna, abruptamente, não dirigiu seu discurso, exclamando em voz áspera, de admoestação: *Nelson Hungria, Nelson Hungria, Nelson Hungria!* Surpreendente silenciar abafou auditório, integrantes da mesa e o homenageado. Movimento, murmúrio, mal estar, preencheram o vazio da

estranheza ante a repetição do nome substituindo o exórdio. O ríspido ingresso no discurso inexplicado...

Enquanto Benjamim descortinava o pensamento jurídico-filosófico do visitante, o auditório esperava a palestra de Hungria. Contava com resposta cáustica replicando o estranho saudar. Entretanto Hungria somente polemizava aguerrido se tentassem gratuitamente desqualificar seu livro maior, o Código Penal Brasileiro. Fora daí, tolerante e terno. Mas o intróito do orador suspendera no ar o despropósito da falta de sentido. Benjamin revelou depois seu próprio impacto e constrangimento. Recordou que, apesar de obinubilado, logo após repetição do nome do Ministro percebera nas faces dos assistentes o desagrado ante intróito recebido como descortesia. E arrematou: *a perplexidade mostrou-me, qual num espelho, um professor despautado da própria docência, violentando o ambiente. Ninguém ali – principalmente aquele visitante – merecia qualquer sugestão de indelicadeza.* Então completou haver percebido angustiado, na face de Hungria, a palidez do constrangimento. Entretanto, no curto silêncio a superação instantânea. Depois de dizer três vezes *Nelson Hungria, Nelson Hungria, Nelson Hungria*, repetiu e adocicando, completou: *não o Ministro Vice-Presidente da Corte alta, o Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, não o penalista, o juiz, o Professor, mas apenas Nelson Hungria, autor dos Comentários, por ensinar a todos a magia renovadora da erudição histórica e a sutilidade das inflexões filosóficas. Por isso podemos chamá-lo de Nelson Hungria, legitimado pelo livro do nosso manuseio, lido e relido, que, após período de provas, permanece companheiro sobre mesinhas de cabeceira de cada um; por isso, os alunos da nossa Escola - e quem em nome deles fala - não o identificam pelos inúmeros títulos formais, mas simplesmente Nelson, ou Nelson Hungria, na intimidade dos nossos corações.*

O ar que havia no salão, entendera de suspender-se em volta da mesa, quando Hungria, em voz pausada, iniciou sua fala : *fui comunicado pelo Senhor Professor da Faculdade que seria saudado pelo mestre de Introdução a Ciência do Direito Benjamin de Oliveira Filho. Entretanto não me avisou que seria recebido pelo “continuum” desdobrar da musica wagneriana ofertada pelo orador...*

Ao depois, como acontece nas cascatas, incessante desenrolar vertiginoso, emoção única abria caminhos para outras dimensões de solidariedade e reconhecimentos. Mas o então dito (não havia, como hoje, a pratica de gravar tudo, estultices inclusive) acabou dissipado. Entretanto, tempos depois, muito tempo depois, ainda subsistia a impressão daquele pensar exposto em forma de renda tecida de sutilezas e denso conhecer. Todos nós, arrepiados, emocionados, ouvíamos. Muitos anos se passaram, inclusive, frases lapidares que eram criações poéticas momentâneas, todo aquele aparentemente perdido permaneceu.

Benjamim costumava contar que certa feita, na Itália, acidentalmente assistira a uma aula de Direito. Tão impressionado ficara que resolveu abandonar seu curso de engenharia em Heidelberg. Resolveu estudar Direito, mas não o que concebera até então, como fragmentos autônomos de conhecer. Queria envolver-se naquele manto protetor do homem – do nascer ao morrer - prescrevendo direitos do nascituro e a inviolabilidade das sepulturas. Arrematou o a recordação da mocidade dizendo: a) iniciara naquele instante sua trajetória até poder ensinar jusfilosofia, b) Nelson Hungria narrando o Direito retrazia para ele a impressão causada por Enrico Ferri.

Naquela noite na Faculdade, não fora diferente. A exposição abrangente, totalizante, uma plataforma de onde a argumentação saltava e lograva avançar, coesa e vitoriosa, qual cerrada falange espartana, sem frestas ou falhas.

Percebemos então o discurso permeado pela interna polemica do expositor, sua estrutura de pensar. E pensar o Direito *fora dele*, amplamente, sistemicamente, correlacionando tudo. E o que restou? Em tantos anos, aulas e palestras ouvidas, o discorrer abrangente de Nelson Hungria, ainda nos aquece e comove. De jurista desconstrutor e reconstrutor, buscando concreções de justiça social alem das leis. O que disse, em sinceridade, de certo lugar, em dia encoberto por longínquas camadas de Tempo, ainda nos fala e clarifica.